



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

ANA CAROLINA DE ALBUQUERQUE COSTA

**PASSINHO: UMA PERSPECTIVA NA APRENDIZAGEM DE DANÇA POR REDES
SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS**

BRASÍLIA, 2018

ANA CAROLINA DE ALBUQUERQUE COSTA

**PASSINHO: UMA PERSPECTIVA NA APRENDIZAGEM DE DANÇA POR REDES
SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS**

Trabalho apresentado ao Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia - IFB,
Campus Brasília, como pré-requisito para
obtenção de Certificado de Conclusão do
curso de Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon

BRASÍLIA, 2018

ANA CAROLINA DE ALBUQUERQUE COSTA

**PASSINHO: UMA PERSPECTIVA NA APRENDIZAGEM DE DANÇA POR REDES
SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS**

Trabalho apresentado ao Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia - IFB,
Campus Brasília, como pré-requisito para
obtenção de Certificado de Conclusão do
curso de Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira - Orientador

Prof. Dr. Glauco Vaz Feijó

Prof. Dr. Fauzi Nelson Paranhos Lopes Mansur

C837

Costa, Ana Carolina de Albuquerque.

Passinho: uma perspectiva na aprendizagem em dança por redes sociais e plataformas digitais / Ana Carolina de Albuquerque Costa. — Brasília, 2018.

33 f. : il. color.

Orientador: Marcos Ramon Gomes Ferreira.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Licenciatura em Dança, 2018.

1. Dança. 2. Redes sociais. I. Ferreira, Marcos Ramon Gomes. II. Título.

CDU: 793.3:004

Dedico este trabalho a Gambá, DG e todos dançarinos de passinho que morreram ainda tão jovens deixando sorrisos, história e muito rabiscar para continuarmos seguindo.

Dedico também a cada jovem negro que morre a cada 23 minutos, e a soma dos 63 que morrem diariamente. Este trabalho não é só por mim, ou para concluir este curso, ele é para contarmos e evidenciar nosso fazer, nosso povo, seremos protagonistas de nossas histórias.

Por vocês, por mim, por nós, seremos resistência. Saravá.

Agradeço a todas amigas e todos os amigos que estiveram comigo durante esse trajeto, compartilhando, fluindo e criando arte por todos locais que passamos aos colegas de profissão por trocas instigantes e inspiradoras, e aos colegas de curso por estimular a sobrevivência a toda burocracia que por tantas vezes fizeram pensar em desistir.

Agradeço em especial a minha mãe por ser exemplo de perseverança, luta e resistência, sempre trazendo a arte como potência de vida e transformação, por seus ensinamentos constantes e por ter me inserido tão nova neste caminho que seria mais que uma profissão, mas uma filosofia de vida. Agradeço a Ione Albuquerque por todo acolhimento, apoio e força, pelas tantas vezes que não me deixou desisti e por todo encorajamento, para que os sonhos fossem mais do que vontades, e sim realidades.

Agradeço ao meu irmão por toda troca e paciência, por caminhar lado a lado comigo, dançando e criando.

Agradeço ao Grupo Liquidificador por ser essa explosão de arte e juntos caminhamos criando e também ao Coletivo Medusa por toda inspiração e criação.

Sem a força e poder do coletivo, do afeto e da arte não estaria aqui hoje, agradeço por todos vocês que vieram e que se foram.

1. COSTA, Ana Carolina de Albuquerque. PASSINHO: Uma Perspectiva na Aprendizagem de Dança por Redes Sociais e Plataformas Digitais. Brasília – DF, 40 f., 2018.

RESUMO

O acesso à tecnologia tem transformado nossa maneira de comunicar e estar no mundo. Cada vez mais presente em nosso uso cotidiano, temos feito de ferramentas como celular e redes sociais uma extensão da nossa presença pela virtualidade. Em meio a essa nova era da comunicação e do compartilhamento, surgiu o passinho, uma dança, um movimento, uma cultura. Nascido e criado nas favelas e comunidades periféricas do Rio de Janeiro, o passinho ganhou o mundo através das redes sociais e plataformas digitais e, com inteligência e simplicidade, fez uso de plataformas como Youtube para demonstrar e divulgar essa dança. Em um momento que a dança e suas diferentes criações ampliaram sua possibilidade de serem acessadas como conhecimento através desses ambientes virtuais, vimos nascer essa dança que agrega diferentes referenciais e funde em si o frevo, o hip hop, o break, movimento de pés e outras tantas modalidades que fazem parte do cotidiano dos seus dançarinos criadores, jovens periféricos que subverteram a lógica da sua realidade através da arte. Nesse contexto, este trabalho propõe uma reflexão sobre a trajetória do passinho e de como, através das redes sociais, esse difundiu sua técnica e se propagou a ponto de se tornar patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras Chave: Dança, Passinho, Redes Sociais.

COSTA, Ana Carolina de Albuquerque. PASSINHO: Uma Perspectiva na Aprendizagem de Dança por Redes Sociais e Plataformas Digitais. Brasília – DF, 40 f., 2018.

ABSTRACT

Access to technology has transformed our way of communicating and being in the world. Increasingly present in our everyday use, we have made tools such as mobile and social networks an extension of our presence through virtuality. In the midst of this new era of communication and sharing, there came a step, a dance, a movement, a culture. Born and raised in the slums and outlying communities of Rio de Janeiro, Passinho won the world through social networks and digital platforms and, with intelligence and simplicity, made use of platforms like Youtube to demonstrate and spread this dance. At a time when dance and its different creations expanded their possibility of being accessed as knowledge through these virtual environments, we saw the birth of this dance that adds different references and fuses frevo, hip hop, break, foot movement and other so many forms that are part of the daily life of their creative dancers, young peripherals who have subverted the logic of their reality through art. In this context, this work proposes a reflection on the path of the passage and how, through social networks, this diffused its technique and spread to the point of becoming intangible heritage of the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Dance, Passinho, Social Networks.

SIGLAS E ABREVIATURAS

EAD	Educação a Distância
ONU	Organização das Nações Unidas
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Passinho.....	17
1.1 Dançarinos	23
1.2 Bailes e Bondes.....	27
2. Aprendizagem: Redes Sociais e Plataformas Digitais e a Cultura do Passinho.....	31
Considerações Finais.....	37
Referências Bibliográficas.....	39

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de novas tecnologias, plataformas digitais e redes sociais, o processo de aprendizado se ampliou, novas maneiras de ensino, foram criadas e inseridas na realidade dos ambientes acadêmicos como ensino a distância (EAD) e plataformas voltadas exclusivamente para interação com os estudantes como *MOODLE*. Na experiência da Licenciatura em Dança, passamos a utilizar grupos de Facebook, Whatsapp e também compartilhamento por plataformas como Youtube, Vimeo e outros recursos da internet para complementar as pesquisas que realizávamos e para comunicação. Essas modificações que a internet trouxe para nossa comunicação não só se inseriram no ambiente acadêmico, elas fazem parte do nosso cotidiano. Utilizamos as redes sociais para comunicação e pesquisa quase diariamente, a internet e suas diversas plataformas proporcionam um aglutinar que acaba se configurando em rede constantemente. São as redes sociais ou redes de contato como explicam Alcará, Di Chiara e Tomaél (2005):

A configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim, relações de interesse que se desenvolvem e se modificam conforme a sua trajetória. (ALCARÁ, DI CHIARA E TOMÁEL, 2005, p. 93).

Com base nessa afirmação, início o processo de pesquisa sobre a aprendizagem em dança pelas plataformas digitais e redes sociais tratando especificamente de passinho.

Segundo os relatos de alguns dançarinos no documentário *A Batalha do Passinho* dirigido por Emilio Domingos, e também em uma série de entrevistas disponibilizadas no site <http://depassinhoempassinho.com.br> e no youtube da Osmose Filmes, o passinho começou por volta de 2001, quando jovens de comunidades periféricas começaram a realizar uma cultura deles. O passinho, que é uma dança com diversos elementos, acontece na batida do funk, começou ali por volta de 2001 com os encontros, bailes e batalhas e ia sendo propagado por meio das plataformas digitais e das comunidades nas redes sociais. Naquela época, o Orkut era a rede social que proporcionava aos seus membros a criação de comunidades onde pudessem compartilhar desde interesses em comum até brincadeiras cotidianas. Foi uma rede social que teve por volta de trinta milhões de membros e foi extinto no ano de 2017. Porém foi um importante local para o desenvolvimento e comunicação dos dançarinos de passinho. Nos relatos alguns deles contam como era sua constante interação na rede para observar o que

estava sendo criado e também para promover. A partir de uma perspectiva sobre redes sociais, como “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” Marteleto (p.72, 2001), observamos que assim funcionavam as comunidades voltadas para o passinho no Orkut, onde seus membros com interesse em comum realizavam posts com vídeos, links, combinavam encontros, bailes e batalhas. Em suas falas diversos dançarinos *reliíquias* contam que começaram a ver dentro da comunidade alguns vídeos de outros dançarinos e começavam a desenvolver sua dança para desafiar ou mesmo provar que eram dançarinos melhores. Assim, além de divulgar a sua dança, eles começavam a se contaminar pelo o que o outro fazia para estabelecer novas criações ou adaptações. A dança ia passando por um processo de construção coletiva sem que fosse programado ou organizado por instituições, essas comunidades serviam não somente de pesquisa, mas também para troca e criação em dança, elas eram locais de criar uma cultura, suas discussões levantaram questões como moda e estilo, assuntos que permeavam a cultura e também comunicação.

Os ambientes de redes sociais trazem consigo uma horizontalidade na hierarquia, todos dentro daquele local possuem basicamente os mesmos direitos e assim podem realizar suas postagens sem restrições de poder. Alcará, Di Chiara e Tomáel afirmam:

A rede, que é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e autoorganizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação. Costa et alii (2003, p. 73) atestam que a rede “é uma forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos sem hierarquia” [...] Com base em seu dinamismo, as redes, dentro do ambiente organizacional, funcionam como espaços para o compartilhamento de informação e do conhecimento. Espaços que podem ser tanto presenciais quanto virtuais, em que pessoas com os mesmos objetivos trocam experiências, criando bases e gerando informações relevantes para o setor em que atuam. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p.94).

Assim, os dançarinos de passinho em sua criação foram fazendo uso da rede social e das comunidades para não somente pesquisar o que cada um criava, mas para além do ambiente virtual eles estavam compartilhando nos bailes, nas batalhas e nos encontros. Quando estavam na presença física uns dos outros colocavam em cheque dentro das batalhas as habilidades da dança que viam o outro criando, assim de maneira informal e pelo clamor do público que assistia era escolhido o vencedor da batalha, nos relatos desses eles sempre iam aos bailes para encontrar as pessoas e passar horas dançando, era uma grande imersão que

aconteciam no mínimo semanalmente, é importante aqui ressaltar que até o presente momento falamos de um local em específico que é a cidade do Rio de Janeiro, onde historicamente a criação do passinho começa e com um recorte ainda maior falamos das favelas e comunidades do Rio de Janeiro, pois esses acontecimentos se dão em comunidades como Cidade de Deus, Alemão, Manguinhos e outras. É importante também especificar que os dançarinos em sua maioria não possuíam computadores e internet em suas residências, então utilizavam das *Lan Houses* para postarem seu material e também pesquisar, no início não havia tanto uso das redes sociais pelo telefone como temos hoje, eles contam no documentário *A Batalha do Passinho* que tinham uma rotina de todo dia ir à *lan house* entrar e ver o que havia sido postado, a constância fazia com que os treinos aumentassem e mais material também fosse sendo trocado aqui relacionamos com o que as autoras Alcará, Di Chiara e Tomáel colocam:

A interação constante ocasiona mudanças estruturais e, em relação às interações em que a troca é a informação, a mudança estrutural que pode ser percebida é a do conhecimento, quanto mais informações trocamos com o ambiente que nos cerca, com os atores da nossa rede, maior será nossa bagagem de conhecimento, maior será nosso estoque de informação. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p.95).

Esses dançarinos estavam criando uma grande rede de informação e troca, proporcionando algo novo nesses ambientes virtuais e físicos, que passaria também a ser de diferentes pessoas, a possibilidade de acesso e a disponibilidade na internet ampliaria o alcance do que estava sendo criado dentro das comunidades. O reconhecimento foi inevitável para além da comunidade onde eles moravam e que eles frequentavam, a internet possibilitou divulgar o passinho que ganhou adeptos de diferentes lugares. Com novas tecnologias surgindo à propagação foi se ampliando. Hoje é comum o uso de celulares com dados móveis ou wi-fi que permitem entrar em qualquer rede social a qualquer momento. Porém, quando o passinho começou celulares eram apenas utilizados como meio de comunicação para chamadas telefônicas e envio de mensagens sms, mas o desenvolvimento da tecnologia fez com que fosse facilitado o acesso e deferente uso desses aparelhos eletrônicos, criando novos hábitos.

A fabricação em larga escala de telefones que podem acessar a internet fez com que a comunicação se modificasse. Assim, como as interações virtuais, novas redes sociais foram criadas e o uso de plataformas como Youtube cresceu exponencialmente, transformando em um novo mercado de audiovisual e de criadores de conteúdo. Dentro da plataforma Youtube em uma busca rápida encontramos os mais diversos conteúdos que podem ir de maneiras de

realizar coisas até discussões de assuntos políticos. Aqui quero dar enfoque no canal que é um dos maiores do país com maior quantidade de inscritos e visualizações, o canal do Kondizila que lança videoclipes de novos artistas ou mesmo artistas já reconhecidos, todos no estilo funk, tendo milhões de inscritos e com números de visualizações passando dos milhões rapidamente.

Analizamos que atualmente a propagação dos elementos que compõe a cultura funk está em voga e estes chegam cada vez mais a uma grande parcela da população. A relevância de tal informação se dá por conta de o passinho ser um elemento que compõe a cultura do funk. É evidente esse momento de propagação do funk que vivemos, no qual os diferentes meios de comunicação, falam e reproduzem diferentes artistas que cantam funk. Midiaticamente, e também virtualmente o funk tem ocupado um espaço nunca antes ocupado.

Gostaria de observar que canais voltados para ensinar coreografias de dança também têm se destacado dentro da plataforma Youtube. Os acessos às mais diferentes danças e criações tem se dado por meio de vídeos, sendo que antes o acesso limitado não democratizava conteúdos e sua diversidade. Hoje, além da possibilidade de poder acessar materiais históricos voltados para dança, podemos também realizar, através da reprodução de movimentos, o aprendizado daquilo que foi realizado no vídeo. Há um fazer da cópia e reprodução, que, se por um lado é muito utilizada por diferentes dançarinos em aulas presenciais, na utilização do vídeo pode ser um primeiro caminho para o aprofundamento no que esse material pode proporcionar. Como exemplo, em uma das disciplinas da licenciatura em dança utilizamos uma das coreografias da Anne Teresa de Keersmaecker (disponível no Youtube). Em um primeiro momento, aprendemos toda a coreografia que estava no vídeo. Após já estarmos com toda aquela coreografia corporificada, iniciamos o processo de criação de vídeos que se inspiravam na coreografia e começamos a criar outros conteúdos. Dentro desse processo cada um pode se aprofundar no conhecimento sobre a coreógrafa e também no que mais havia lhe interessado sobre aquele universo. Diferentes resultados foram apresentados. Assim, a possibilidade de acesso a vídeos de dança de outros locais do mundo e de coreógrafos distintos proporciona um ampliar significativo na pesquisa de dança, movimento e corpo. É com esse ampliar significativo de possibilidades de pesquisa que estamos vivendo hoje. Nossos hábitos se transformaram e nossas fronteiras se modificaram em se tratando de dança. Como no passinho, que se em um momento histórico diferente demoraria muito tempo para ser tão propagado, sendo que hoje atinge um público que ultrapassa as fronteiras do espaço, o que ocorre provavelmente não apenas pelas grandes

novidades tecnológicas, mas não deixa de ser um fator importante à facilidade de acesso. Shirky, estudando os ambientes colaborativos na internet, destaca exatamente isso:

Muitas das mudanças significativas se baseiam não nos lançamentos mais recentes e sofisticados da tecnologia, mas em ferramentas simples e fáceis de usar como o e-mail, os celulares e os sites de internet, porque essas são ferramentas a que a maior parte das pessoas tem acesso, e, sobretudo, que podem ser usadas na vida cotidiana sem dificuldade. A revolução não acontece quando a sociedade adota novas tecnologias – acontece quando a sociedade adota novos comportamentos. (SHIRKY, 2012, p. 137).

Estamos vivenciando essa revolução constantemente. Nossa relação com as redes sociais se transformou assim como nossa maneira de comunicar, pesquisar, aprender e compartilhar conhecimento, pois adotamos novos comportamentos com a utilização da tecnologia ao nosso alcance diário. Uma busca pela internet está hoje disponível em um aparelho telefônico que portamos a qualquer momento, assim modificamos muitos dos nossos hábitos e estamos em um processo no qual aprendemos a lidar com toda essa tecnologia que está ao nosso alcance. Estamos no centro desse processo e futuramente conseguiremos observar e entender ainda melhor toda a complexidade que tais transformações nos trouxeram em escala mundial. Por hora podemos começar essa observação por nichos específicos e buscar entender como essas transformações reverberam em nosso fazer artístico e no nosso aprender. É justamente esse o enfoque desta pesquisa, que tem como foco o passinho, a partir do qual falaremos dessa junção entre redes sociais, aprendizado e criação em dança.

1. PASSINHO

Não há um registro do momento exato em que o passinho foi criado, porém segundo os relatos de diversos dançarinos, entre os anos 2000 e 2001 o passinho começou a aparecer nas comunidades do Rio de Janeiro. Dentro dos bailes os dançarinos começavam a demonstrar essa dança que eles estavam criando, se reuniam em sua comunidade e começavam a realizar treinos de dança, no qual cada um demonstrava os movimentos que sabia e essa troca proporcionava a criação de outros movimentos.

Em seus relatos, os *reliíquias* contam que viam os passinhos que outros dançarinos faziam e pensavam “eu posso fazer isso melhor”, então aprendiam o movimento e colocavam seu estilo, criavam variações ou criavam outros movimentos para poder desafiar o dançarino que demonstrou inicialmente seus movimentos. A dança realizada por esses dançarinos consistia de uma movimentação diversificada que fundiam elementos do frevo, da capoeira, do break, hip hop, muita movimentação dos pés e movimentações estereotipadas inspiradas em travestis, gays, *drag queens*. Em uma entrevista, Bryan, dançarino *reliquia*, conta que no princípio muito da movimentação era somente com os pés, mas que foram se desenvolvendo e a inserção dos diferentes elementos foi acontecendo. Cada dançarino inseria parte da vivência corporal que já possuía.

A dança acontece ao som do funk carioca e precisamos analisar a trajetória desse ritmo para entendermos a relevância do passinho como movimento cultural. O funk passou por muitas transformações durante os anos, segundo a cronologia elaborada por Lopes (2010), o funk nos anos oitenta era noticiado nos cadernos culturais com suas características de musicalidade, dança, comportamento e criação, mas nos anos noventa passa a compor notícias nas páginas policiais, e passa a ser muito marginalizado. A integração do MC, que passava a cantar a realidade do seu dia a dia e da sua comunidade e o crescente número de adeptos que frequentavam os bailes trouxeram também notícias estereotipados do perfil do funkeiro que constantemente era vinculado aos arrastões. Neste ponto é importante observar a colocação de Lopes, sobre o que seriam esses arrastões:

Parece-me, desse modo, que arrastão foi um evento no qual esse racismo inconsciente é reatualizado por meio do mapeamento dos sujeitos e das práticas provenientes das favelas. A presença desses jovens em espaço da Zona Sul foi visto e significado como arrastão – ou seja, uma ameaça de invasão de certos sujeitos aos espaços que não lhe foram destinados na

cartografia social carioca. Ou melhor, trata-se de espaços nos quais esses sujeitos só podem transitar, à medida que se enquadram numa determinada ordem, na qual a sua posição é sempre subalternizada. Porém, o arrastão era exatamente a negação dessa ordem e, logo, dessa posição. (LOPES, 2010, p. 38).

Esses jovens estavam ocupando lugares e modificando o uso da cidade. Não se limitavam apenas a estarem reclusos em suas comunidades ou em posição de subalternização, estavam fazendo usufruto da cidade, das praias e de todos ambientes que tivessem vontade. Esse comportamento fez com que a mídia vinculasse e estabelecesse um perfil do jovem periférico e funkeiro e esse passou a ser o mesmo de traficantes e praticantes de atos ilícitos. Mas, ao fim dos anos noventa e início dos dois mil, acompanhando a cronologia de Lopes (2010), o funk passa a ser consumido pela zona sul do Rio de Janeiro, e por um público de classe média alta, e volta aos cadernos culturais, passando a ser reconhecido como um ritmo legitimamente brasileiro e carioca, ganhando um status por vezes glamourizado, quando seus artistas passam a ocupar lugares nas tvs, jornais, revistas etc.

Porém, vinculado ao ritmo, surgem notícias que trazem informações que remetem a mortes de jornalistas, prostituição e sexualização. Hoje a vinculação na mídia dos artistas de funk se transformou, a glamourização está presente na vida dos diversos artistas e estes têm ganhado destaque não somente no âmbito nacional, mas internacionalmente com parcerias, videoclipes e shows por todo mundo. Há uma transformação na maneira com que o funk é visto atualmente e muito se dá pela luta que os artistas e ativistas do movimento estão realizando. Na cidade do Rio de Janeiro, foi estabelecido no ano de 2009 uma lei que reconhece o funk como movimento cultural e garante o direito a realização das manifestações próprias, como bailes e reuniões sem qualquer regra discriminatória e nem diferentes das que regem manifestações da mesma natureza a Lei 5.544/09 do estado do Rio de Janeiro tem seis artigos que falam sobre cultura e não discriminação ao movimento cultural do funk.

O passinho é um elemento que foi criado dentro do movimento cultural de funk. O seu início está também atrelado ao momento que os bailes começam a acontecer com mais frequência em todas as comunidades. Por volta dos anos 2000, os bailes estavam ganhando novas proporções, havia inúmeros bailes e alguns foram se tornando clássicos pontos de encontro, como o Baile da Chatuba, citado em diversas entrevistas por diferentes dançarinos como um importante ponto de encontro para dançar. A música cantada pelos MCs virava embalo para batalhas e rodas diversas. Os dançarinos que estavam transformando a maneira

de interação no baile iam exclusivamente para dançar e trocar com outros dançarinos, assim afetando também ao público diverso que ali estava presente Segundo Silva (2015):

Dispondo do funk carioca como trilha sonora, o passinho consiste num novo tipo de dança, que oferece uma ruptura estética em relação às coreografias previamente executadas pelos fãs do gênero. Antes do passinho, o funk era dançado de maneira mais lenta e com passos mais simples, muitas vezes executado sincronicamente por grupos inteiros nos bailes. Neste período, o protagonismo na relação funk-dança pertencia às mulheres, cujo intenso movimento do quadril ajudou a construir a imagem da sensualidade e erotismo à qual o gênero foi predominantemente atrelado pela mídia e pelos segmentos sociais externos às favelas. Talvez inconscientemente, talvez não, a verdade é que o passinho rompeu com estes pressupostos (sem, no entanto extingui-los totalmente). No lugar das coreografias coletivas pouco elaboradas entram o virtuosismo individual e a sofisticação técnica. (SILVA, 2015, p.14).

Era um novo momento na criação deste elemento cultural, o passinho subvertia a lógica de certas posições estruturais dentro das favelas, os dançarinos passavam a ser inspiração e eram visto como ícones passavam a ser espelhos para uma nova geração e também admirados por outras. Conforme Leandra Perfect em sua fala no documentário *A Batalha do Passinho*, “quem tem poder na favela ou é dançarino ou é traficante”, evidenciando como os dançarinos subvertem a lógica da realidade que por vezes era imposta diante as condições ali vividas por aquelas pessoas. Dançarinos entrando em um local de importância tamanho que muitas das vezes nem eles tinham proporção do que sua dança estava alcançando.

Assim o passinho não girava exclusivamente em torno apenas da dança, mas como no movimento hip hop o passinho se integrava de diferentes elementos como moda e estilo, musicalidade e criação de mídia digital. O visual do dançarino é um elemento que compõe esse fazer cultural, conforme podemos ver no documentário *A Batalha do Passinho*, na qual os dançarinos relatam que a moda e o vestir é algo estrategicamente pensado, uma maneira de expressar esteticamente sua vivência, pois cada vez que um dançarino se veste conforme as suas referências e mescla com o estilo do funkeiro e do que eles vêem midiaticamente ele cria um novo estilo que passa a ser copiado e propagado por pessoas que também o vêem como referência.

A musicalidade é um elemento importantíssimo que tem se modificado, pois muitos dançarinos têm passado a criar as batidas e letras, compondo músicas que facilitem o

desempenho do passinho. Atualmente, observamos que as batidas estão acelerando, criando novas dinâmicas e velocidades na dança.

As mídias digitais por sua vez vêm sendo fortemente representadas pelo registro audiovisual, que talvez seja um dos elementos mais utilizados para propagação dessa cultura. Em uma análise quantitativa na plataforma do Youtube e também no site *De passinho em passinho*, que reuniu todos vídeos do Youtube em um registro de memória sobre o passinho, podemos observar que o registro audiovisual não só é um elemento importante, mas é um constante que não deixou de ser realizado, mesmo posteriormente a propagação do passinho. Antes os dançarinos tinham receio de postar seus vídeos sem a excelência técnica, hoje eles fazem questão de mostrar o que estão realizando, mesmo que não estejam no seu melhor desempenho. Essa criação, genuinamente periférica que subverte a lógica de certos elementos e a maneira de se utilizar certos recursos, faz parte desse macro cultural que é o funk e faz sua manifestação artística ir ganhando espaço e abrindo caminhos e oportunidades muito diferentes daquelas perspectivas que esses dançarinos poderiam almejar vindo da realidade que vieram, no qual dançar é um *hobby* para muitos, apenas uma brincadeira, que com o ampliar dessas oportunidades passa a ser profissão e podem levá-los não somente a novas perspectivas, mas a outros países e continentes. Lopes (2010) afirma que

O funk carioca é hoje uma das maiores manifestações culturais de massa do Brasil e está diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas. Trata-se de uma performance híbrida resultante de um intenso processo de apropriação, transformação, nacionalização e comodificação de ritmos da diáspora africana. (LOPES, 2010, p.19)

E aqui no seio desta manifestação cultural o passinho ganha seu lugar de destaque trazendo ressignificação para a dança que é praticada pelos dançarinos de funk.

O passinho, que já foi considerado a mistura de todas as danças, hoje tem suas características próprias. A relação corporal que esta dança trouxe para o dançarino que antes se reconhecia através de seus *bondes* é de grande importância, já que reforça a singularidade de cada corpo que a realiza. É uma criação coletiva, mas que passa pela subjetividade de cada dançarino.

Antes a criação coreográfica coletiva ou mesmo a dança improvisada dentro dos bailes seguiam certos padrões que pouco se modificaram, movimento de quadris muito realizado pelas mulheres, passos coletivos que misturavam movimentos do charme com funk *style* dos anos 70. A transformação dos movimentos que surgiu com o passinho diz muito sobre o

acesso à informação e a referências diversas, pois, ao observamos que em uma improvisação um dançarino insere movimentos do frevo, do break, do hip hop juntamente com movimentos de pés específicos do passinho criados por diferentes dançarinos, percebemos que há um *mix* de influências e uma criatividade para juntar todos esses elementos sem separá-los em uma modalidade específica, criando uma dança urbana com referencial cultural fortemente brasileiro se diferenciando das danças urbanas norte americana que é mundialmente difundida. Toda referência daquele dançarino é inserida em sua dança, desde conviver com gays e captar suas movimentações até pesquisar danças e movimentos em vídeos conforme relatam em entrevistas.

O referencial dos dançarinos *reliíquias* é muito ligado às redes sociais e ao que eles acessam na internet. Além da pesquisa sobre os vídeos de passinhos, eles também assistem vídeos de outros conteúdos, assim é amplo seu arcabouço de conhecimento e eles conseguem inserir em sua dança um pouco de tudo isso. No passinho os dançarinos observavam a dança que o outro dançarino realiza e cria novos movimentos, que se contaminam pelo que foi visto, mas sempre misturando com seus referenciais e com os movimentos de pés.

Com o propagar e a grande visibilidade que a dança foi ganhando através da internet e das redes sociais, mais pessoas passaram a aprender e a realizar esta dança que começou a ser praticada não somente nas favelas e comunidades do Rio de Janeiro, tomando tamanha proporção de reconhecimento que, no ano de 2011, a Prefeitura do Rio de Janeiro patrocinou um grande campeonato de Passinho que teve eliminatória em várias favelas e comunidades do Rio de Janeiro e a batalha final foi transmitida em uma das maiores emissoras de televisão do país. Ele não só ganhou o reconhecimento midiático, mas os protagonistas desta dança, mesmo muito jovens, passaram a viajar o Brasil e o mundo para ensinar essa nova modalidade de dança que criaram, assim como também compuseram o elenco de espetáculos que foram apresentados em diversas cidades e teatros como no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Os dançarinos, que mal conheciam outras comunidades, estavam ocupando um dos teatros tradicionais, mais respeitados do país.

Em uma entrevista, o dançarino relíquia Jackson conta que “não podia entrar de bermuda no Municipal e por conta do passinho eles tiveram que liberar”. Era o passinho entrando em espaços antes nunca imaginados não somente para dançarinos, mas para o movimento cultural do funk, que por ser uma cultura periférica, por anos passou por tentativas intensas de silenciamento e diferentes preconceitos onde midiaticamente e socialmente a

recriação a tudo que surgia da periferia e das favelas era propagada de maneira a marginalizar para além da problematização e levantamento de discussões pertinentes a sociedade. Mas vale aqui lembrar que é exatamente pela localização e vivência que esses sujeitos têm que puderam criar algo como criaram. Se estivessem em outro contexto talvez não poderiam ter tal incentivo e não teriam tais referências para fundir e criar essa cultura que propaga. Conforme Lopes (2010) diz:

O fio condutor que permite colocar em diálogo uma gama de conhecimento gerado em campos diversos é o entendimento de que a representação social (artística, científica, cotidiana) não é uma descrição, mas sim uma performance: atos lingüísticos reiterados, que condensam uma historicidade e assumem significados culturais locais em relação as estruturas sociais mais amplas. Ademais, a coincidência entre a representação e a performance localiza a temática da identidade numa teoria mais geral da ação. Assumir a identidade como representação em termos performativos mostra que esta não é uma essência, mas sim uma construção lingüística resultante de contínuas ações de sujeitos inseridos em hierarquias e estruturas de poder. Não importa desse modo, recuperar ou resgatar qual seria a verdadeira identidade do funk, mas em diálogo com os sujeitos inseridos nesse universo, questionar de que forma esta é performativizada e continuamente reconstruída. (LOPES, 2010, pp. 67-68)

Pois é somente em diálogo com esses sujeitos criadores que estão inseridos nessa realidade que podemos entender como se dá essas diferentes criações, por isso é tão importante aproveitar esse momento em que os criadores do passinho ainda estejam aqui e ouvi-los para que esses contêm a história de sua criação, como protagonistas de sua própria história. E ter um material digital disponível na internet de maneira a ampliar o acesso a tal conhecimento, um registro no ambiente em que fez essa criação ser divulgada e ensinada, é importante, se transforma em registro histórico para pesquisa. Assim os diferentes sites e compilados de vídeos fazem hoje um papel, não somente em divulgar a dança do passinho, mas em propagar sua criação constante, observando a transformação já ocorrida de quando a dança começou e como está hoje com todas as imbricações e modificações. Aproveitar que os *reliíquias* também estão vivenciando esse processo e participando ativamente é um momento em que a troca proporciona questionamentos e permeia diálogos estabelecidos virtualmente, como também no ambiente físico, no qual cada vez mais os dançarinos correm o Brasil para falar de passinho e vão entendendo e propagando que passinho não só sobre a movimentação, mas sobre toda cultura, que envolve dança, música e moda, hoje reconhecido como patrimônio imaterial do Rio de Janeiro.

1.1 DANÇARINOS

Moradores das comunidades do Rio de Janeiro, jovens negros com no máximo vinte anos, que exercem funções em trabalhos diversos para pagar as contas e na maioria das vezes são suporte familiar financeiro, esse é um perfil que constantemente aparece entre os dançarinos criadores do passinho. Conforme o relato dos dançarinos em suas entrevistas, eles não se dedicavam exclusivamente a dançar, mas necessitavam exercer diferentes funções, incluíram em sua rotina cotidiana a prática da dança para aprimorar suas técnicas e habilidades. Por mais criativos e dedicados que esses fossem, precisavam constantemente lidar com a dolorosa estatística que diz que a cada vinte e três minutos um jovem negro é morto; por dia, são sessenta e três, somando uma quantidade de vinte e três mil por ano, conforme dados da ONU Brasil. Em meio a esse processo de sobrevivência, eles subvertem o sistema, transformando seu cotidiano e possibilitando outras oportunidades. Jovens artistas e periféricos que ainda que não soubessem estavam fundando um movimento cultural que se propagaria pelo mundo virtual tomando um alcance mundial, o que tornaria sua criação patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro.

É importante que, ao pensarmos nesses dançarinos, observemos a localidade de suas moradias, favelas e comunidades do Rio de Janeiro. Lopes (2010) contextualiza:

Favela é um território marginalizado construído no interior de uma sociedade fundada no mito da democracia racial. Como mostra Flauzina (2008), tal mito foi utilizado não só para interditar a formação de uma identidade negra no Brasil, como também para apagar o conflito de raça existente na nação. Um dos vestígios desse conflito seria a segregação espacial, que lançou a população negra para as periferias de todo o país. Nesse sentido, poderíamos entender a favela como resultado de uma divisão racial que, no discurso dessa mídia corporativa, opera de forma silenciosa. (LOPES, 2010, p. 38)

Dentro desse contexto, temos uma característica que passa a ser de grande parte dos moradores desses lugares que é serem negros. Relaciono isso diretamente a uma das características de grande parte dos dançarinos *relíquias*.

Vale observarmos que a criação da dança e as fusões que os dançarinos executam de diferentes vivências de movimento e cultura têm afetação direta do lugar onde estão e da relação com a cultura negra e suas muitas vertentes. Se lembrarmos historicamente de movimentos culturais brasileiros teremos o samba que em uma análise e apanhado histórico

Sordré (2005) traz em seu livro “Samba o Dono do Corpo” relatando e analisando o surgimento do samba como movimento cultural de música e dança, que nasceu nas favelas e regiões periféricas, ou mesmo a capoeira que através da tradição ancestral de transmitir seus conhecimentos pela oralidade, relatando que seu surgimento se deu em regiões periféricas. Entendemos logo que esta influência também está intrínseca na criação do passinho e reverbera em como a cultura criada nas periferias passa por um processo de aceitação que exige tempo e driblar muitos preconceitos.

Os dançarinos *reliíquias* traziam para os seus movimentos influências do break, hip hop, *popping*, frevo e samba. Esses ritmos e movimentos com as quais já estavam habituados a conviver cotidianamente nas favelas em que moravam. Coincidentemente, alguns dançarinos de diferentes favelas começaram a criar uma dança diferente para dançar no funk sem combinar ou mesmo terem visto uns aos outros realizarem tais movimentos. O passinho começou a ser pesquisado em diferentes favelas e comunidades por diferentes pessoas que só posteriormente se conectariam. Conforme o relato de alguns *reliíquias*, uns já haviam começado a dançar o que seria o passinho em uma comunidade sem nunca ter visto outra pessoa realizar os movimentos e dançar solo no funk como faziam, mas em outra comunidade o mesmo acontecia e havia uma congruência social e das transformações que o funk ia sofrendo em sua musicalidade, que proporcionou a criação em diversas favelas, no mesmo tempo e espaço da dança chamada passinho.

Quando alguns dançarinos foram em bailes de outras favelas começaram a ver aquilo que já realizavam e aí começaram um processo intenso de trocas e contaminações. Essas contaminações não aconteciam exclusivamente da dança, pois toda vivência era importante para a criatividade dos dançarinos.

No documentário da *A Batalha do Passinho*, o dançarino Gamba relata que inseriu em sua dança os trejeitos e movimentações que observava os gays e *drag queens* realizando, e isso foi passando para outros dançarinos que observaram a criatividade dos movimentos que ele criara e inseriram em sua movimentação, transformando dentro de uma lógica de absorver os movimentos e criar com essa base o seu movimento.

Era preciso muito treino e muitas batalhas para ser considerado um bom dançarino, muitos *reliíquias* dizem que para ser um bom dançarino era preciso ter manha, um pouco de *popping*, pouco de caída, chão, *break dance*, dançar no ritmo e pegar os pontos escondidos da música, assim esse dançarino se tornaria um dançarino muito bom, pois possuiria diferentes

elementos e conseguiria criar e improvisar com maior facilidade. O dançarino de passinho é um bom improvisador, já que a dança é toda criada na hora, eles treinam sempre para chegar aos bailes ou nas rodas e improvisar na música que toca na hora e desafiar os dançarinos que estão ali. Assim, é importante se aperfeiçoar nas diferentes técnicas que podem ampliar suas possibilidades de movimentos, além da criação de seus movimentos originais, pois nomenclaturas como *rabiscada* e *cruzada* passaram a compor o cotidiano desses dançarinos que iam criando movimentos e nomeando para facilitar a sua disseminação. Bailes e batalhas eram importantes lugares onde eles trocavam constantemente, eram espaço onde os dançarinos observavam uns aos outros e avaliavam o quanto precisavam treinar e evoluir e o que poderiam criar, além de serem espaços para aprender além dos vídeos, onde podiam se ver ao vivo um movimento específicos. Nesses espaços eles também aproveitavam para se conhecer.

Os dançarinos de passinho não só subverteram uma lógica artística de ensinar e propagar esse estilo de dança e criar um novo mercado de trabalho, mas também uma lógica social. Antes, para a juventude e os moradores de favelas e comunidades periféricas o referencial era o traficante, na maneira de se vestir, na lógica de vencer na vida. Mas, com o reconhecimento que eles foram ganhando dentro das batalhas e redes sociais, eles começaram a criar tendências com seu visual, se tornando referencial vivo ali para aqueles que se inspiravam e que acompanhavam a trajetória deles dentro da comunidade conforme relata Leandra Perfect no documentário *A Batalha do Passinho*.

Alguns, após a vitória na Batalha do Passinho em 2011, foram a programas de tv na Globo, ampliando ainda mais esse reconhecimento e neste momento, fazendo com que o passinho ganhasse uma divulgação nacional. O passinho que já estava reconhecido dentro das favelas e comunidades, que já era conhecido na internet, ganhou um lugar na mídia que fez com que seus dançarinos não fossem mais noticiados como qualquer pessoa, mas como artistas e dançarinos. Porém, como já dito no princípio, jovens negros nem sempre escapam da estatística, a morte de dançarinos de passinho foi muito noticiada nos últimos anos, Gamba e DG são alguns dos nomes que foram noticiados nacionalmente por suas mortes e, infelizmente, entraram nas estatísticas de mortes de jovens negros. Suas mortes tomaram muito espaço na mídia e isso abriu espaço para uma discussão sobre a importância da vida de jovens negros, e sobre a representatividade cultural desses artistas. O momento de diálogo que houve em torno dos dançarinos de passinho diante a morte de Gambá e DG evidenciou essa

cultura que já fervilhava nas periferias, nas redes sociais e que já havia inclusive aparecido midiaticamente.

Tudo isso fez com que o passinho saísse da bolha invisível que ele parecia estar e ganhasse uma proporção nacional com discussões de relevância e que fossem criados trabalhos artísticos que iam além da batalha e dos bailes; foram criados espetáculos que permeavam uma criação contemporânea do passinho como os espetáculos “passinho, É na Batida, Passinho Brasil”, alguns dançarinos passaram a compor companhias conforme seus relatos nas entrevistas, dar aulas e continuaram criando conteúdo virtuais, além de hoje haver uma preocupação maior dos dançarinos que estão a mais tempo em não somente demonstrar o movimento ou sua habilidade técnica, mas em passar um conteúdo cultural e a historicidade com suas transformações, pois o passinho além de artístico e cultural é uma manifestação política desse jovem periférico, a maneira como ele subverte a realidade que vive cotidianamente.

1.2 BAILES E BONDES

O baile é um importante elemento dentro da cultura do funk carioca, o momento de encontro, diversão, de ouvir as músicas e os artistas do funk, um momento em que as criações são lançadas. Assim, o baile sempre foi um elemento muito forte da cultura do funk carioca. Conforme afirma Lopes (2010)

Segundo algumas matérias jornalísticas publicadas nos anos de 1980 e a referida etnografia de Hermano Vianna, o funk carioca já reunia, naquela época, cerca de um milhão de pessoas nos 700 bailes que existiam espalhados pelos clubes e pelas quadras de esporte das zonas norte e oeste do Rio de Janeiro (LOPES, 2010, p. 26.)

Com esse dado, percebemos que o baile é um elemento que, além de promover e propagar a cultura, também movimenta uma quantidade de pessoas fora da zona sul e dos bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro. Com o passar dos anos, os bailes ganharam uma divulgação ainda maior por conta das redes sociais e da transformação na comunicação, proporcionando não somente aos moradores das comunidades o desfrute de estar em tais encontros.

Para o dançarino de passinho, o baile é um elemento que não passa somente pelo desfrute da diversão, é um espaço de troca, treino e interação física, onde os dançarinos se encontram para duelar, dançar e celebrar. No relato dos *reliíquias*, eles listam alguns bailes que frequentavam como Castelo das Pedras, Abolição, Palácio do Pagode, Arara, Jacaré, Mandela, Chatuba e Campinho que era conhecido como Baile dos Dançarinos, recebendo um destaque especial entre todos os bailes. Este era um espaço onde os dançarinos tinham livre acesso para dançar, batalhar e treinar. Eles contam em seus relatos que ali eles não precisavam ficar escolhendo onde poderiam dançar, mas que todo o território era deles, contam também que o baile “os criou”, pois nesse espaço eles faziam um verdadeiro laboratório criativo desenvolvendo novos passos, observavam as rodas quando não estavam nelas, aprendendo com outros dançarinos e também vivendo uma interação social e cultural de imersão.

Os bailes proporcionam a interação e o intercâmbio de dançarinos de diferentes comunidades que ali se encontravam para batalhar. Muitas vezes se deslocavam a um baile específico para batalhar com outro dançarino que havia ganhado fama ou para um baile marcado nas redes e grupos virtuais. Muitos dançarinos iam também para assistir batalhas já

marcadas, as batalhas não eram só pontos para mostrar quem era o melhor dançarino, mas uma maneira de medir o conhecimento e criatividade de um dançarino no momento específico. Geralmente a ânsia por batalhar com um outro dançarino era um teste que exigia avaliar quão bom você é em saber improvisar. Após batalhar, geralmente acabavam amigos e iniciam uma roca intensa sobre a dança. Esses ambientes onde aprendiam com outros dançarinos que por vezes não eram de sua comunidade, e tinham a oportunidade de ouvir músicas inéditas para treinar, fez com que os dançarinos passassem cada vez mais a frequentar os bailes e fazer desse território um local para além da diversão.

Os bailes sempre existiram desde a criação da cultura funk, e foram momentos de celebração, diversão e lazer das diferentes favelas. Já havia dançarinos que os frequentavam, porém esses realizavam danças coletivas e como dito anteriormente, até o fim dos anos noventa e início dos anos dois mil, a dança era muito atribuída às mulheres e seus movimentos de quadris, mas vale aqui destacar o que Lopes (2010, p.133) relata: “foi somente em meados dos anos 2000, quando o funk já havia firmado-se no Rio de Janeiro como um dos mais populares ritmos da cidade, que os ‘bondes’ e MCs mulheres ganharam projeção”. Os *Bondes* era a denominação que se dava a um grupo não só de músicos, mas também aos grupos de dança, que iam aos bailes juntos e realizavam coreografias ensaiadas anteriormente com passos iguais, algo já pré-determinado que se adaptasse as coreografias para os diferentes estilos musicais. Os *bondes* de dança também batalhavam, mas era uma disputa de grupo, algo inspirado no que acontecia em batalhas de grupo de dança de hip hop. É preciso também ressaltar que dentro dos grupos musicais a dança era muito presente e, conforme Lopes (2010, p.161), “os movimentos acrobáticos que se misturam com um rebolado, considerado feminino, faz parte de sua performance de palco. Desse modo, os *bondes* parecem quebrar determinados significados de masculinidade”. O paradigma de que movimentos de quadris eram exclusivamente das mulheres passou a ser desmistificado dentro do funk. Homens que “quebravam” o quadril e realizavam rebolados passaram a ser um comum na dança. Essa grande transformação se deu por conta da transição para o *tamborzão*. Lopes (2010, p. 133) conta que no início dos anos 2000 “o conteúdo e o ritmo do funk carioca passavam por algumas transformações. A batida do *miami bass* cedia espaço para o ritmo do chamado *tamborzão*”, ritmo esse que modifica a métrica do funk que antes muito se parecia com o rap. Agora com influência brasileira tinham batidas que misturavam tambores e ritmos diversos, tornando-a ainda mais dançante.

No relato de Cebolinha, um dos dançarinos *reliíquias* que diz que começou a dançar em 2004 para 2005, na transição da música do *tamborzão bonde* para o *tamborzão MC*. Nesse momento, a música ampliava a possibilidade para dançar não só com grupos, mas também para a improvisação individual que antes pouco acontecia no funk, já que sua dança por um longo período esteve vinculada ao movimento do quadril e geralmente eram as mulheres que realizam esses movimentos e posteriormente aos *bondes* onde as coreografias eram apresentadas sempre em conjunto. Esse momento, no qual a dança era individual e com toda possibilidade de movimento, ampliava a perspectiva de criação, pois as influências diversas estavam ali presentes naquela dança.

A transformação no baile também aconteceu, pois um ambiente que antes era voltado apenas para o divertimento e celebração passou a ser um ponto de encontro desses jovens que não iam com os mesmos interesses das pessoas comuns, eles queriam dançar, se encontravam nos bailes, realizavam suas batalhas e aproveitavam esse momento para pesquisar músicas, pois sempre que uma música nova tocava eles voltavam para casa e iam treinar com aquela nova descoberta. Os *bondes*, com o surgimento do passinho, passaram a não ser somente criados apenas pela proximidade, mas pela aparência na dança e também pela afinidade. Assim, pessoas de diferentes lugares integram os *bondes*, e a esses não se davam mais nomes com conotações sexuais como antes, mas com a expressão que mais poderia exaltar aquele bonde, como por exemplo, “*Bonde dos Imperadores da Dança*”, aonde a conotação de imperador veio para exaltar que esses tinham grande titularidade na dança. Toda micro mudança foi significativa e importante para esse novo momento que o passinho passou a criar em todos esses espaços em que estava presente.

O Baile dentro da comunidade é não só um momento de diversão. Cebolinha, na série de entrevista sobre o passinho, afirma:

O baile na verdade é um suporte que o governo não dá para a favela, ele gera muito emprego para a tia que vende bala, pro cara que vende hambúrguer, pro cara que vende cerveja [...] por mais que seja visto com maus olhos, o governo também não entra para tentar fazer algo melhor. (DE PASSINHO EM PASSINHO, série de entrevistas 2018)

Esse baile é um lugar de fluxo de economia e proporciona um momento de lazer para essa favela, que não tem muitas opções. Porém nos últimos anos esse lugar tem ficado escasso, hoje diversos dançarinos relatam que não há mais bailes que possam ir. Muito disso

se dá por conta da instalação das UPP, o que precarizou e proibiu a realização de eventos. Lopes (2010) conta que:

Faz parte da política do governo atual a implementação de “Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP)” como uma forma de combater o chamado “tráfico de drogas”. Como compreendi em minha pesquisa de campo, o termo “pacificadora” é um ato de fala que possui uma dupla força: por um lado, retifica e legitima um tipo ação policial nas comunidades pobres para o resto da sociedade, ou seja, ‘a polícia (logo o Estado) lá está para fazer uma ação benéfica, uma pacificação’; por outro lado, dissimula e esconde a violência contida nessa mesma ação. O termo “pacificadora” institui um significado positivo para a ação do Estado, mas “faz esquecer” que a “pacificação” só pode acontecer quando parte-se do pressuposto de que um determinado local está em guerra. E como em toda guerra, todos os direitos dos indivíduos que ali se encontram estão suspensos, pois se trata de inimigos. Assim, em nome da “pacificação”, o Estado comete várias arbitrariedades contra a população que mora na favela, principalmente contra os sujeitos que se encaixariam no perfil sociológico dos supostos traficantes – ou seja, a grande maioria de jovens que vivem em comunidades! Invasão de casas residenciais sem mandado policial, toque de recolher nas ruas após as nove horas da noite, proibição dos bailes funk nas favelas são, apenas, algumas das ações que o Estado executa e nomeia como “pacificadoras” (LOPES, 2010, p.103).

Assim a proibição retira o direito à diversão desses moradores e além, das proibições dos bailes, o estado dificulta com toda a burocratização exigindo que a realização dos bailes esteja dentro de todas as normas e regras, ficando cada vez mais escassos esses lugares. Desta forma a internet toma uma proporção ainda maior dentro da propagação da cultura do passinho, o que antes acontecia como divulgação, agora se torna um verdadeiro laboratório virtual, visto que o conhecimento de tal modalidade rompe as fronteiras físicas da cidade do Rio de Janeiro e passa habitar diversos lugares do mundo, pessoas que buscam aprender sobre essa cultura e começam a também propagar virtualmente suas criações audiovisuais, o passinho vai ganhando novos membros e passa a ser uma dança não mais de um lugar, mas de todos que o buscam.

2. APRENDIZAGEM: REDES SOCIAIS, PLATAFORMAS DIGITAIS E A CULTURA DO PASSINHO

O surgimento de novas tecnologias proporcionou ao mundo um novo momento na aprendizagem e na comunicação. Ambientes virtuais surgiram para ampliar e facilitar o acesso e os modos de ensinar e aprender, plataformas como *moodle* tem modificado o conceito de sala de aula para a educação à distância. Contudo, quando se trata de educação presencial, a utilização dessas plataformas não tem caminhos concretos, ao exemplo da experiência que tivemos na Licenciatura em Dança no Instituto Federal de Educação e Tecnologia de Brasília - IFB, onde no princípio do curso houve uma tentativa de se utilizar a plataforma *moodle* para complementar os estudos e entregar trabalhos virtualmente, porém não houve aderência dos estudantes que estavam já sobrecarregados pela quantidade de redes e plataformas que utilizavam em seu dia a dia. Assim, esses buscaram transferir para outra rede ou plataforma a realização dessas atividades e conseguiram em acordo com os professores criar dentro dessas próprias redes a opção de grupos fechados para essas unidades curriculares. Em vez de ter em que se adaptar a uma nova plataforma, passaram a compartilhar não somente o conteúdo pré-programado, mas puderam compartilhar também conteúdos que se co-relacionam ao que estavam discutindo em ambientes presenciais. Essas redes viraram um complemento para criação presencial. Afinal, podiam ser compartilhados vídeos, fotos, textos e material de pesquisa que poderiam ser acessados no tempo de cada pessoa tornando flexível a diferentes realidades.

Um dos pontos das redes sociais e virtuais é que elas teoricamente estão disponíveis sem restrição de tempo para as pessoas, mas cabe ressaltar que isso depende de fatores como ter internet (seja por rede de dados, wi-fi ou outros) o que implica custo financeiro, e também ter aparelhos para realizar o acesso, porém tendo tais fatores as pessoas podem passar o tempo que disponibilizarem navegando pela internet. Mas cabe aqui ressaltar que nem todo conteúdo chega para todas as pessoas, as redes sociais, plataformas de vídeos e de pesquisas usam algoritmos que classificam conteúdos, conforme suas pesquisas anteriores e dados do seu perfil, Gravatá (2013) nos relata em sua reportagem a maneira como a internet age com algumas das grandes corporações que estão por trás dessas redes e plataformas. A coleta desses dados é feita com nosso consentimento ao assinarmos a autorização de privacidade quando criamos nossos perfis nessas redes, que apesar de disponível para leitura de todos,

poucas pessoas lêem. Para entendermos melhor como funciona esta coleta de dados, Bruno (2013) dá alguns exemplos, de empresas que criaram e profissionalizaram tais coletas:

O negócio consiste na coleta de rastros pessoais na Internet e sua correlata categorização em bancos de dados e sistemas de *profiling*, visando orientar tanto escolhas de clientes de seguro de vida quanto ofertas de crédito e alvos de propaganda política, por exemplo. A *Acxiom Corp.*⁵¹, uma das maiores empresas de comércio e tratamento de dados da Internet, monitora e categoriza diversas informações provenientes do comportamento on-line de milhões de americanos, cruzando-as com suas bases de dados off-line. Se você é um americano, diz Singer (2012) em matéria no *New York Times* sobre a *Acxiom Corp.* a probabilidade é a de que ela saiba coisas como a sua idade, raça, sexo, peso, altura, estado civil, nível de educação, política, hábitos de compra, preocupações com a saúde, os sonhos de férias e assim por diante. Ela faz mais do que coletar informações, entretanto. Ela as usa para rotular as pessoas em uma das 70 áreas socioeconômicas específicas na tentativa de prever como elas vão agir, o que vão comprar, e como as empresas podem persuadi-las a comprar seus produtos. Recolhe seu tesouro de dados dos registros públicos, das enquetes que você tiver participado, do seu comportamento on-line, e de outras fontes diferentes de informações para, em seguida, vender para bancos, comerciantes e outros compradores. (BRUNO, 2013, p. 164-165)

Com base nesses dados podemos perceber que o conteúdo que temos acesso em nossas redes e nossas pesquisas são influenciados e manipulados.

Quando trazemos o contexto virtual para o passinho, percebemos como as redes sociais e plataformas digitais foram importantes para a propagação e aprendizado deste. Em meados de 2006 começaram a surgir vídeos de dançarinos dançando passinho, postado de maneira simples e amadora em plataformas como o Youtube. Esses dançarinos já estavam há algum tempo realizando sua dança. Nas comunidades que moram e nos bailes que iam, trocavam informações e conhecimento fisicamente além de já participarem de comunidades no Orkut onde constantemente estavam em diálogo sobre o tema passinho. Com o crescimento do Youtube eles passaram a utilizar a plataforma para postar seus vídeos e a maneira com que isso repercutiu trouxe mudanças significativas. Conforme Sá (2014) coloca,

O YouTube é, assim, um exemplo de uma nova classe de negócios da indústria do entretenimento, que trocou a produção de conteúdo próprio pela agregação de conteúdo oriundo de fontes diversas. Trata-se, portanto, de um meta negócio, cujo produto principal é a cultura participativa ancorada em princípios tais como a colaboração, a interação, o compartilhamento e a disputa por capital social entre os usuários (Sá, 2014, p. 32)

Essa plataforma modificou a maneira não somente do compartilhamento de vídeos, mas se tornou um verdadeiro campo de negócios onde hoje podemos identificar um novo nicho de mercado. São pessoas que se dedicam a gerar conteúdo em canais do Youtube, por isso muito se transformou em relação ao consumo de vídeos. Hoje ao acessar a plataforma, encontramos conteúdos diversos.

Mesmo com a aplicação dos algoritmos, a relação de escolha do conteúdo para assistir, se transformou, visto que antes a produção era restrita às grandes empresas de comunicação, por seu alto custo, e o que tinha disponível era via televisão, hoje, muitas pessoas produzem seu próprio conteúdo, conforme podemos observar em pesquisa no Youtube sobre diferentes temas, ampliando a possibilidade de escolhas, porém o aumento da produção não é uma garantia de qualidade de conteúdo. Temos também plataformas de *streaming* como *Netflix* em que, ao pagar um valor fixo, você pode acessar todo o conteúdo de filmes e séries que eles possuem. Porém a seleção de conteúdo é o tempo que este fica disponibilizado é feita pela plataforma. A diferença entre uma plataforma como *Netflix* e o Youtube, é que em uma o conteúdo é selecionado por um grupo específico, e em outra qualquer pessoa que se inscreve na plataforma pode postar conteúdos audiovisuais, e não é cobrado nenhuma tarifa (fora o acesso à internet e a cessão dos seus dados pessoais para o Google), assim você tem disponível uma grande quantidade de vídeos. Basta saber que tipo de conteúdo você quer acessar, assim como Sá (2014) afirma:

Cabe destacar um outro elemento importante da plataforma para nossa análise: o sistema de classificação, recomendação e agregação temática, que apresenta ao usuário um conjunto de vídeos afins cada vez que inserimos uma palavra-chave para a busca no sistema (SÁ, 2014, p. 32).

Assim, utilizando a palavra-chave certa com apenas poucos cliques você pode encontrar os mais variados vídeos que se relacionem aquele tema. Por exemplo, ao colocar *passinho* na busca do Youtube, eu encontro vídeos de dança e músicas das mais variadas qualidades. Isso me proporciona um acesso a todo conteúdo que se relaciona com esse tema; logo, posso assistir desde os dançarinos fazendo suas demonstrações, vídeos-aulas, entrevistas, registros de participações em programas de tv, *trailers* de documentários, entre tantos outros vídeos que tem *passinho* como tema.

Os vídeos de *passinho* quando começaram a ser postados nas plataformas do Youtube, não eram elaborados com grandes produções. Gravados com celulares e editados de maneira amadora esses vídeos eram postados na plataforma para demonstrarem os movimentos que

esses dançarinos desenvolviam uma maneira de divulgar e se promover e também de reafirmar que ele estava criando algo novo. No documentário *A Batalha do Passinho*, Gambá e Cebolinha demonstram como gravavam seus vídeos e o processo de finalização que realizavam, de maneira muito simples, para que rapidamente pudessem estar no ar, assim ganhando visualizações. Com isso, começaram a criar um hábito de pesquisa virtual constante, a rotina de acessar as redes e olhar o que estava sendo discutido nos grupos, os vídeos que estavam sendo postados e também gerar conteúdo e discussões acerca do tema, fez com que o fluxo da palavra e pesquisa passinho aumentasse, pois se todos os dançarinos estavam ali nutrindo essas redes, os compartilhamentos aumentavam e cada dia esse conteúdo ia atingindo não somente aqueles que buscavam por um tema específico como passinho. Afinal, os vídeos circulavam na rede. Lembro-me que no ano de 2008 em pesquisa pelo Youtube, digitei as palavras chaves *dança* e *funk* e então foi disponibilizado na lista de vídeos, um chamado “*passinho foda*”. Este foi primeiro contato que tive com essa dança. Comecei a treinar aqueles movimentos através do que via em vídeo e fui inserindo em meu cotidiano. O ritmo musical e a dança eram hipnotizantes. Com este relato quero evidenciar que os vídeos não ficaram limitados aos grupos de discussões de passinho. Vale lembrar que como anteriormente coloquei as autoras Alcará, Di Chiara e Tomaél (2005, p.94) dizem que “a rede é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação”. Assim, as redes sociais criadas por esses dançarinos funcionava de uma maneira na quais todos poderiam compartilhar seu conteúdo, uma rede não hierárquica. Com a introdução dos vídeos no Youtube eles foram expandindo também a maneira do compartilhamento. Essa expansão acontecia, pois muitos queriam, além de demonstrar suas habilidades, ganhar visibilidade. Era através do compartilhamento que eles podiam criar algo novo, eles já haviam estabelecido a cultura da aprendizagem através dos vídeos e como as autoras Alcará, Di Chiara e Tomaél (2005) colocam:

Para compartilhar o conhecimento pessoal, os indivíduos devem confiar em que os outros estejam dispostos a ouvir e a reagir às suas idéias. Os bons relacionamentos possibilitam condições para compartilhamento de insights e para a livre discussão das preocupações, permitindo a organização espontânea de pequenas comunidades [...] se as pessoas começam a compartilhar idéias e conseguem perceber a importância desse processo, o próprio compartilhamento cria a cultura da aprendizagem. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p.97).

Os dançarinos criaram essa cultura da aprendizagem e promoveram não só uma comunidade virtual de passinho, mas conseguiram ganhar reconhecimento midiático e dentro das redes e plataformas, para além do seu nicho, mesmo com a ação do algoritmo e da seleção pré suposta de conteúdos para cada usuário.

Esse ambiente virtual, propício à aprendizagem nas suas comunidades fez com que diferentes pessoas se dispusessem a trocar e aprender. Ambientes de assuntos diversos e que proporcionam de maneira autônoma a busca por conhecimento. Ao pensarmos a dança nesses espaços, observamos que o compartilhamento constante de material que poderíamos não ter acesso e a possibilidade de conhecer novas criações desperta a autonomia no processo do dançarino, que pode estabelecer quais conteúdos quer aprender e como gostaria de fazer isso, visto que aqui ele terá de investigar de maneira solitária. Voltando ao exemplo de quando pela primeira vez vi um vídeo de passinho e tive que começar um processo de pesquisa e investigação para descobrir que dança era aquela, para além de aprender aqueles movimentos, comecei a me interessar pelo que via, e quis entender a fundo, o que era essa dança. Levei algum tempo em pesquisas de vídeos, grupos e comunidades até começar entender o processo desta dança, mas, quando cheguei aos grupos e comunidades, me deparei com uma enorme lista de materiais que estavam disponíveis nas redes, além da disponibilidade dos dançarinos para trocar pessoalmente. Em viagens ao Rio de Janeiro pude encontrá-los, treinar com eles e participar desse convívio, posteriormente até em Brasília, quando o passinho já estava mais divulgado e circulando o Brasil com espetáculo. Porém toda essa pesquisa começou por um vídeo disponível em uma plataforma virtual. Assim destaco aqui a importância desses ambientes para pesquisa e aprendizado em dança.

Quando pensamos em grupos e comunidades virtuais que funcionam tão bem sem necessariamente haver um chefe para dizer o que era preciso ser feito lembro-me da colocação de Miller (2007, p.03.) fazendo uma análise e co-relacionando a teoria dos enxames com o funcionamento social de grupos ele dizia “assim funciona a inteligência de enxame: criaturas simples seguindo regras simples, cada qual atuando com base em informações locais”. Os dançarinos fizeram dessa colocação uma realidade muito presente em seus grupos e comunidades, pois com base em sua vivência diária com o passinho, realizavam suas postagens e interação nas redes, seguindo regras simples e fazendo com que fosse um ambiente frutífero de compartilhamento, e em um passo a mais esses ambientes se tornaram de cooperação, e talvez por essa mudança o passinho tenha ganhado à proporção que ganhou, pois deixava de ser apenas um grupo de compartilhamento, para agregar mudanças à maneira

com que seus integrantes vivam. Assim como Shirky (2012) coloca a importância da cooperação:

Cooperar é o degrau seguinte na escada. Cooperar é mais difícil que simplesmente compartilhar, porque exige que você mude seu comportamento para sincronizar-se com outras pessoas que estão mudando o delas para sincronizarem-se com você. Enquanto no compartilhamento o grupo é basicamente um agregado de participantes, a cooperação gera identidade de grupo - você sabe com quem está cooperando. (SHIRKY, 2012, p. 46)

Os *relíquias* sabiam com quem estavam cooperando e assim criaram uma comunidade cultural do passinho. Eles passaram por diferentes etapas até chegar nesse processo, tanto que seus encontros presenciais eram de cooperação. Em seus relatos contam sobre como um ajudava o outro a desenvolver sua dança e como essas comunidades virtuais eram locais de troca e aprendizado. A importância de chegarmos a esse ponto é entendermos que a cooperação fez com que esses dançarinos criassem uma dança nova, que pode, de maneira simples, serem divulgadas e propagadas pelas redes, onde outras pessoas usariam desse material para também aprender essa dança sem ter necessariamente a presença física desses dançarinos. Mas a presença virtual com todo material disponível de pesquisa fez com que o passinho se tornasse público e de diferentes pessoas, rompendo fronteiras físicas, e trazendo a visibilidade para a cultura da favela e do funk carioca. Em um tempo recorde essa manifestação cultural ganhou reconhecimento e se propagou, ousa afirmar que se não fosse pela forte presença nas redes sociais e nas plataformas digitais de todo conteúdo que esses jovens dançarinos disponibilizavam, talvez, o passinho vivesse esse processo, dificilmente se expandiria tanto, mas por seus criadores serem jovens que estão totalmente conectados e ligados às redes sociais, plataformas digitais e internet, souberam aproveitar o momento que vivem para criar essa comunidade cultural de cooperação e criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso à tecnologia tem transformado nossa maneira de comunicar e estar no mundo. Cada vez mais presentes em nosso uso cotidiano, temos feito de ferramentas como celulares e redes sociais uma extensão da nossa presença pela virtualidade. A dança e suas diferentes criações tiveram ampliada sua possibilidade de acesso a conteúdos, através desses ambientes virtuais e das plataformas digitais, hoje podemos assistir desde um vídeo de Nijinsky, a um de passinho. Se soubermos o que queremos pesquisar, encontraremos as mais variadas opções. Estamos vivenciando esse processo de aprender a lidar com toda a tecnologia e seus diversos recursos. Visto que diante de simples modificações novas criações estão surgindo e nossa ampliação de acesso a conteúdos tem transformado a criação do que fazemos, questiono: o que teremos no futuro? Com meu trabalho evidencio como as redes sociais e plataformas digitais são suporte para divulgação e propagação dessa manifestação cultural chamada *passinho*, um novo estilo de dança criado nas favelas do Rio de Janeiro. Como afirma Sá:

A partir das articulações entre celulares e YouTube, criou-se uma rede sócio-técnica que reconfigurou o espaço cotidiano dos territórios do funk, transformando-os em territórios informacionais e deu visibilidade às práticas culturais de atores – adolescentes oriundos da cena funk que dançam ao som de coreografias criadas por eles – contribuindo para seu protagonismo no cenário cultural contemporâneo. Nesse cenário, o papel das mediações tecnológicas é central. Longe de elementos a posteriori, que registram um estilo de dançar surgido das ruas, os celulares e o YouTube são atores centrais da rede sociotécnica que consolida o Passinho como evento através de múltiplas mediações (SÁ, 2014, p. 36).

A junção da tecnologia com a criatividade desses jovens possibilitou a essa criação cultural romper fronteiras, e nesse momento em que a dança tem todo seu ampliar de possibilidades de pesquisa tudo acontece quase que em uma junção perfeita para que essa dança passe a ser inserida em diferentes realidades e contextos, e não só na do jovem favelado e periférico. Afinal, esses espaços transformam esses jovens criadores em profissionais e possibilitam novas oportunidades, para que eles possam continuar a subverter as realidades sistematicamente impostas de pobreza, falta de emprego e perspectivas, e se mantenham vivos, criativos e divulgando essa arte que criam e que ganhou reconhecimento de patrimônio imaterial. Assim o passinho rompeu muitas fronteiras e se tornou uma manifestação de grande reconhecimento cultural. O que virá futuramente com a possibilidade de todo esse compartilhar e cooperar que se cria nas redes virtuais, ainda não conseguimos prever, mas

esperamos estar vivos para poder desfrutar de momentos tão importantes como da criação do *passinho*.

Com essa pesquisa passei por um processo de reflexão sobre os aprendizados que vivi ao longo da Licenciatura em Dança. O uso da tecnologia e das redes sociais de maneira simples me fez entender como aparelhos de nosso cotidiano podem ser importantes no aprendizado em dança, me abrindo um mundo de possibilidades para ensinar e pesquisar. Observando o material que tem estado nas redes como divulgação, e como o compartilhamento possibilita que diferentes criações cheguem às mais diversas pessoas, diante de toda essa junção, desperto um intenso interesse para reformular e reconfigurar minhas redes, para que essas possam ser não somente um lugar de comunicação, mas que se tornem um ambiente de compartilhamento e cooperação para novas criações em dança. Para além das redes sociais, o processo me despertou para trilhar uma linha de pesquisa sobre as criações de danças que surgem no perímetro periférico urbano. Assim sigo nessa jornada de estudos, pesquisa e imersão em processos que envolvam dança, periferia e criações.

REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA Ivone Gerrerio; TOMAÉL Maria Inês. Das Redes Sociais à Inovação. Ci. Inf. Brasília, v.34, n 2, p. 93-104, maio/ago, 2005.

BRASIL. RIO DE JANEIRO. DECRETO Nº 5.544, DE 22 DE SETEMBRO DE 2009 **Lei sobre funk e realização de eventos**. Brasília,DF, mar 2018. Disponível em: <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/819286/lei-5544-09>>. Acesso em: 12 out. 2018.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade* / Fernanda Bruno. – Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.; (Coleção Cibercultura).

LOPES, Adriana Carvalho. Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca. (Tese doutorado). Campinas, SP, 2010.

FRANCO, Maria Luisa P. B. *Análise de Conteúdo*. 2a. edição. Brasília: Liber Livros, 2005.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de Redes Sociais; Aplicação nos Estudos de Transferência de Informação. Ciência da Informação, Brasília, v.30, n I, P.71-81, Jan/abril 2001.

MILLER, Peter. Inteligência Coletiva; Teoria dos enxames: formigas, abelhas e aves nos ensinam a lidar com a complexidade do mundo, Revista National Geographic ano de 2007.

SÁ, Simone Pereira. Apropriações low-tech no funk carioca: a Batalha do Passinho e a rede de música popular de periferia. Revista Fronteiras, Estudo Midiático, Jan/Abril 201, P. 28-37.

SILVA, Ramiro de Oliveira Simch. Da periferia ao Mainstream: Uma análise semiótica do percurso cultural do passinho. Porto Alegre- RS, 2015.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Ciberativismo, Cultura Hacker e o individualismo. Revista USP, São Paulo, n 86, p28-39, junho/agosto 2010.

SHIRKY, Clay. *Lá vem todo mundo: O poder de organizar sem organizações*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SORDRÉ, Muniz. *Samba o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

FONTES

BATALHA do Passinho, A. Direção Emílio Domingos, Rio de Janeiro: Osmose Filmes, 2013. Documentário. 1 DVD (73')

DE PASSINHO em Passinho. Site com memória e entrevistas do passinho Disponível em <depassinhoempassinho.com> Acesso em março de 2018.

“ENTREVISTA De passinho em passinho: Jackson, Cebolina, Brian, e Rene dançarinos relíquias” disponível em <youtube.com/osmosefilmes>. Acesso em abril 2018

FUNK, Rio. Direção: Sergio Goldenberg. Rio de Janeiro: 1994. Documentário 45'31” Disponível em: <youtube.com/watch?v=349OLoSMbAc>. Acesso em maio de 2018.

GRAVATÁ, André. O que a internet esconde de você. <<https://super.abril.com.br/tecnologia/o-que-a-internet-esconde-de-voce/>> Acesso em julho de 2018.

PASSINHO Foda. 1'53". Disponível em <[youtube.com/watch?v=S-giytnMvZ8](https://www.youtube.com/watch?v=S-giytnMvZ8)>. Acesso em janeiro 2018.